



A Educação formal não faz milagre e é reflexo do que ocorre na sociedade, pois é a execução de políticas públicas e ocorre, em geral, conforme as elites econômicas e políticas definem seu papel social

Deleuze e a Educação

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília, Pedro Erginaldo Gontijo coordena o subprojeto de Filosofia do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência PIBID/CAPES/UnB e desenvolve atividades de pesquisa na área do Ensino de Filosofia, Filosofia da Educação, Ética e Filosofia Política. É Secretário Executivo da Comissão Brasileira Justiça e Paz – CBJP, organismo vinculado à CNBB, diretor da Associação

de Comunicação e Cultura de Gama e colaborador do jornal local *Folha independente*. Nesta entrevista, com a experiência de sua trajetória enquanto pesquisador e professor de Filosofia, Gontijo aponta os problemas atuais que a Filosofia, enquanto disciplina, enfrenta tanto no ensino médio quanto no ensino superior e discorre, com base no pensamento de Gilles Deleuze, sobre a importância da docência enquanto ação capaz de fortalecer a dimensão política da prática pedagógica.

Jorge da Cunha Dutra é licenciado em Pedagogia (FURG) e em Filosofia (UFPel), mestre e doutor em Educação (UFPel). Atualmente é professor de Filosofia na E.E.E.M. Eng. Roberto Bastos Tellechea, de Rio Grande (RS), e professor substituto na área de Didática (FURG). profdutrajc@gmail.com
Fábio Antonio Gabriel é professor de Filosofia, bolsista PIBID CAPES (supervisor). www.fabioantoniogabriel.com

IMAGENS: ARQUIVO PESSOAL



Acredito que uma sociedade organizada e atuante provoca qualquer governo a exercer seus mandatos de forma obediente à população

FILOSOFIA • Como foi sua trajetória como professor de Filosofia atuando na Secretaria de Educação do Distrito Federal e, posteriormente, no ensino universitário?

GONTIJO • No ensino médio atuei em duas escolas públicas na periferia de Brasília, especificamente na cidade de Gama. A primeira era uma escola de ensino médio de formação de professores para as séries iniciais do ensino fundamental (escola normal), e lá trabalhei com Filosofia, Filosofia da Educação, Ética e Psicologia da Educação. Foi uma experiência muito interessante, pois lá cresceram as indagações sobre o sentido e as possibilidades de presença da Filosofia na Educação Básica. Foi numa época em que ocorreu o aumento da carga horária de Filosofia no ensino médio nas escolas públicas de Brasília, passando a ser ministrada duas vezes por semana nos três anos do ciclo. Se não me engano, foi a primeira unidade da federação que teve essa expansão da presença da Filosofia. Das inquietações com as Filosofias presentes em sala de aula é que procurei um programa de mestrado para pesquisar mais sistematicamente a presença da Filosofia nas escolas. Foi meio decepcionante perceber que a transmissibilidade da Filosofia, sua presença na sociedade para o cidadão comum não especializado, sua interação com o sistema de ensino não eram problemas de interesse de vários programas de pós-graduação em Filosofia que procurei na época. Precisei procurar um mestrado em Educação (UnB) para desenvolver a pesquisa. Essa entrada no mestrado, numa época em que ocorria uma mega expansão do ensino superior privado, possibilitou o início da minha atuação no ensino universitário. Costumo dizer que conheci o submundo do ensino superior ao ver e até trabalhar em instituições sem a menor condição de abrigar decentemente cursos universitários. Eram instituições com salas cheias, sem estrutura e equipamentos e com forte exploração do trabalho docente, com baixa remuneração e, em alguns casos, sem carteira assinada. A segunda escola em

que atuei era de ensino médio regular, e também foi uma experiência interessante. Aprendi muito com os alunos e alunas sobre que tipo de Filosofia faria sentido naquele espaço em que adolescentes eram obrigados a estudar muita coisa sem entender o porquê ou para quê. Os desafios encontrados foram motivadores para a elaboração de um projeto de doutorado, na área de ensino de Filosofia. No decorrer do projeto, vendo que algumas das questões que emergiam eram relacionadas a qualquer proposta de ensino, ele foi modificado para Filosofia da Educação. Foram tempos difíceis, pois morava e trabalhava em Brasília e fazia o doutorado em Campinas, na Unicamp. Nos dois primeiros anos viajei semanalmente. Muito trabalho e muito estudo. Nesse tempo pude atuar na Universidade Católica de Brasília, onde respirei, de fato, o ar universitário como ambiente de trabalho: com investimentos em ensino, pesquisa e extensão. Por último, desde 2009 sou professor na Universidade de Brasília, onde atuo na graduação e na pós-graduação em Filosofia.

FILOSOFIA • Sendo Secretário Executivo da Comissão Brasileira Justiça e Paz – CBJP, organismo vinculado à CNBB, como percebe a importância de uma participação política mais efetiva de cada brasileiro? De que modo a educação escolar pode contribuir nesta participação?

GONTIJO • São duas perguntas que já demandariam bastante tempo para cada uma, mas tento resumidamente respondê-las. Não vejo saída para a construção de uma sociedade mais igualitária e fraterna no que se refere à valoração da dignidade humana e à coexistência da multiplicidade de culturas e modos de vida sem uma participação expressiva da população na definição dos rumos da sociedade, seja em mecanismos de transparência da gestão pública, de controle social, de democracia representativa, participativa e direta. O consumo de cada pessoa tem implicações políticas. O lazer e ocupação do tempo individual também. Quando o povo se mobiliza há



Precisamos promover um diálogo mais intenso entre a tradição filosófica e as manifestações populares para bem compreendê-las

possibilidade de mudanças efetivas. Os projetos de lei de iniciativa popular e as manifestações são prova disso. Acredito numa tese polêmica de que uma sociedade organizada e atuante provoca qualquer governo a exercer seus mandatos de forma obediente à população. Mas essa caminhada é longa e tortuosa. Não há receita, caminho traçado nem mesmo resultado garantido. A História não desembocará em um mundo melhor necessariamente. Ele tem que ser construído. Acredito serem necessários líderes como o papa Francisco no engajamento contra as desigualdades sociais e econômicas, pois poderão mobilizar não só cristãos, mas outras pessoas numa empreitada mais sistemática de reconstrução de vida digna no mundo.

Se pais, professores e outros atores da comunidade escolar promoverem ações que rompam com o *status quo* da sociedade, que hoje admite a Educação formal como reflexo de políticas públicas estipuladas conforme as elites econômicas, se ocorrerem ventos de inconformidade, isso poderá ter reflexo no que ocorre dentro da escola. Se é verdade que uma andorinha sozinha não faz verão, professores, mesmo sozinhos, podem produzir acontecimentos, podem ser agenciados por devires minoritários que impulsionarão processos de mudança.

FILOSOFIA • A sua dissertação de mestrado teve como título *Os professores de Filosofia no ensino médio regular das escolas públicas do Distrito Federal: práticas e sentidos em construção*. Poderia nos falar sobre as principais considerações a que chegou a partir de suas leituras e pesquisas?

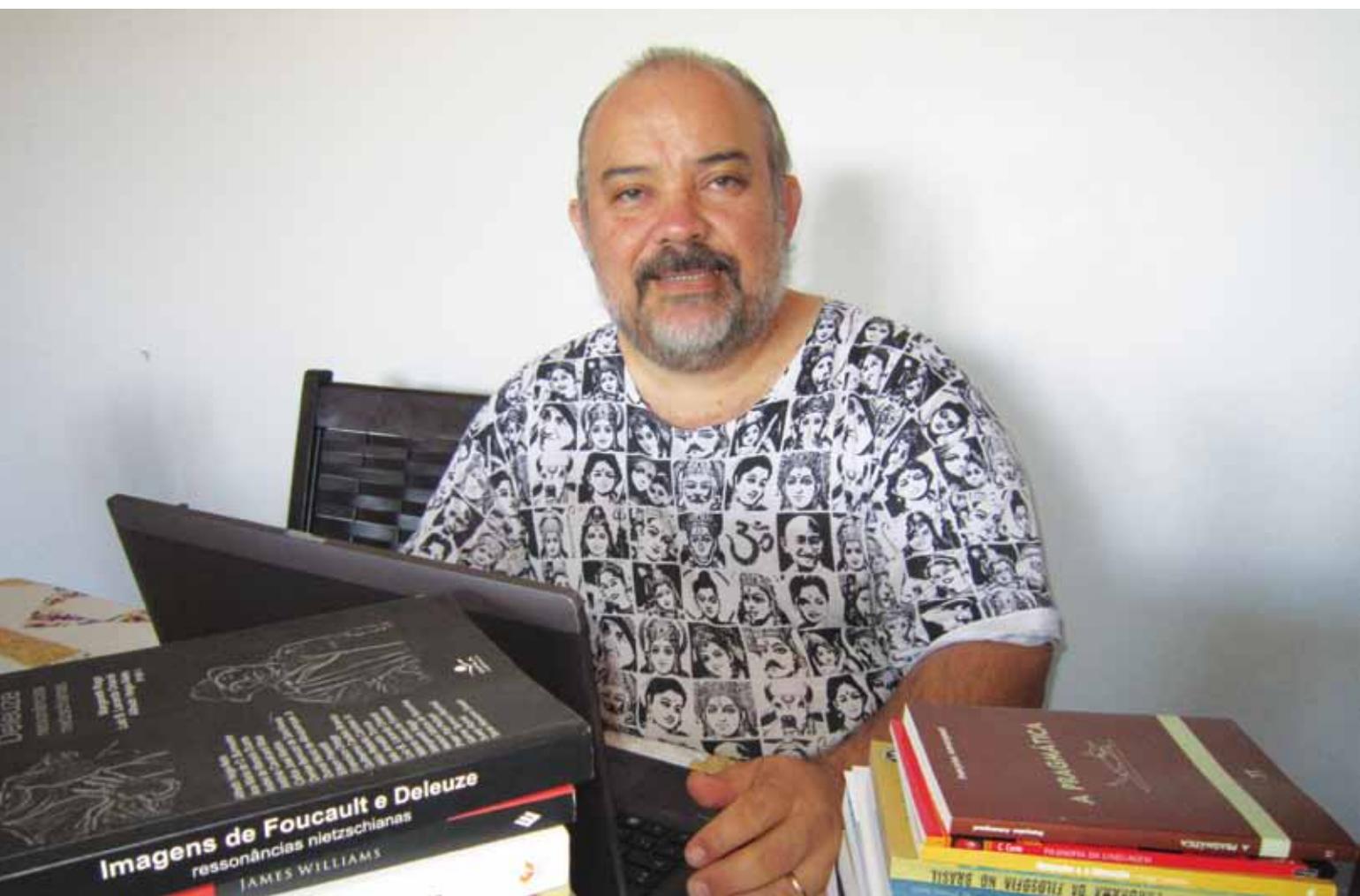
GONTIJO • Quando fiz minha pesquisa de mestrado, estava preocupado com a expansão dos espaços onde a Filosofia se fazia presente. Desde cafés filosóficos, programas de televisão e publicações até a expansão da matéria na Educação básica, tanto no ensino fundamental, com a Filosofia com crianças, como com a presença no ensino médio.

Como minha atuação tinha ênfase no ensino médio, fiz alguns recortes para investigar a Filosofia que era praticada nas escolas de Brasília. Interessava saber algo, produzir algum conhecimento sobre essa experiência que ocorria nessas escolas. Uma primeira conclusão foi a de que, pela própria forma como o governo do Distrito Federal promoveu a ampliação da carga horária, havia um número expressivo de professores sem formação filosófica dando aulas de Filosofia. Outra foi perceber que não tínhamos propriamente uma diversidade de experiências acontecendo, mas sim uma uniformidade de desorientação sobre o que fazer com a Filosofia em sala de aula. E o problema não era apenas por haver professores sem formação filosófica. Havia também professores com formação filosófica em boas universidades com uma postura “academicista”, sem o menor trato didático para o ensino-aprendizagem da Filosofia na escola. Em particular, encontrei três usos da Filosofia na escola que me preocuparam: o uso das aulas de Filosofia como uma propedêutica à metodologia científica, mas mais na parte técnica, de formatação de texto, que da metodologia da ciência propriamente dita. Um segundo uso foi o que chamei de adestramento moral. Era um uso da Filosofia para transmitir os valores do bom cidadão, bom estudante e por aí vai. Tratava-se mais de ensinar o certo e o errado do que de problematizar como algo tornou-se certo ou errado numa cultura ou sociedade. Por último, foi o uso da Filosofia para proselitismo político. Partia-se do pressuposto de que os estudantes seriam pessoas alienadas, sem senso crítico, e que seria papel do docente de Filosofia fazer a crítica da sociedade capitalista, das visões de mundo dos estudantes, e apresentar alternativas “certas” para a emancipação social. Na pesquisa, verificamos outros aspectos da prática docente, como formação continuada, utilização de livro didático e avaliação de aprendizagem, mas precisaríamos de bem mais espaço para apresentar as conclusões.

FILOSOFIA • Recentemente o Brasil pôde perceber a força da população nas ruas lutando por melhores condições para o transporte público, saúde e Educação. Como debatedor das questões de Ética e Filosofia Política, acredita que é importante essa participação efetiva da população para que se construa uma democracia realmente eficaz?

GONTIJO • Já tratei de como é importante a participação popular na definição de seu futuro. As manifestações nas ruas em junho de 2013 foram um excelente momento de expressão do desejo de mudança e de inconformidade com o modo como as coisas têm ocorrido na política no Brasil. O valor das manifestações já está no fato de terem ocorrido. Não é necessário acrescentar nada, mas se conseguirmos dali produzir novos movimentos, isso

potencializará a força da multiplicidade de vozes ali presentes. É verdade que não concordo com todas as bandeiras, pois foram às ruas grupos pequenos pedindo, por exemplo, a volta da ditadura militar e defendendo pautas fascistas. Mas considero interessante que tudo isso tenha ocupado as ruas. Enquanto operador da Filosofia, gosto de pensar que precisamos promover um diálogo mais intenso entre a tradição filosófica e as manifestações populares para bem compreendê-las. Estamos passando um momento, nestes últimos anos, de uma efervescência de manifestações populares em várias partes do mundo, desde a Primavera Árabe, em 2011, Occupy Wall Street, Indignados, manifestações na Turquia e na Grécia, Fóruns Sociais e outros acontecimentos. Mas no que se refere ao Brasil, temos também que lembrar que não foi só agora que o



Que imagem de Filosofia está presente em gestores públicos que menosprezam a sua contribuição na formação geral e específica dos estudantes?

povo foi para as ruas. Uma parte sim, mas desde o Brasil colônia temos uma grande tradição de mobilização popular, desde a luta dos africanos e indígenas contra a escravidão, dominação e dizimação de suas vidas e culturas, as revoltas populares nos períodos colonial e do Império, até processos mais recentes como a luta contra a ditadura, o movimento Diretas Já, manifestações contra a mudança do código florestal e as contínuas lutas dos sindicatos por conquistas trabalhistas.

FILOSOFIA • Analisando a presença da disciplina de Filosofia no ensino médio, acredita que ela já conquistou seu espaço no currículo escolar, ou sua presença nos três anos ainda está muito atrelada à Lei 11.684/08? Por quê?

GONTIJO • Na política não há conquista definitiva e, com isso, a presença da Filosofia não é consolidada em todo o país. Vivemos uma época de forte pragmatismo na Educação. Já vi absurdos de governos estaduais planejarem a diminuição de aulas de Filosofia para aumentar as aulas de Matemática ou de Língua Portuguesa para melhorar a posição das escolas no IDEB e em outros sistemas de avaliação da Educação básica. Quando vejo isso me pergunto: seria a Filosofia culpada por essas notas baixas? Que imagem de Filosofia está presente em gestores públicos que menosprezam a sua contribuição na formação geral e específica dos estudantes? Precisamos discutir com seriedade questões como essa. A interação com coordenadores do PIBID-Filosofia (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) de várias universidades e com participantes do Grupo de Trabalho “Filosofar e Ensinar a Filosofar”, da ANPOF (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Filosofia), tem, por meio de seus relatos, mostrado que a consolidação precisa ser conquistada a cada ano e em cada sistema de ensino estadual e municipal. A criação do GT “Filosofar e Ensinar a Filosofar”, na década passada, e os desdobramentos em termos de criação de espaços

para a pesquisa e incidência política têm fortalecido essa luta pelo espaço da Filosofia na Educação. A ANPOF terá, neste ano de 2014, pela segunda vez, uma programação específica sobre o ensino de Filosofia no ensino médio.

FILOSOFIA • Em muitas escolas que possuem ensino médio, é possível constatar que a disciplina de Filosofia apresenta duas problemáticas: uma se refere à carga horária semanal de uma hora/aula; a outra diz respeito ao seu ensino ser lecionado por professores habilitados em outra área que não a Filosofia. Qual é a sua avaliação quanto a essas duas situações?

GONTIJO • São dois problemas sérios que precisam de mais atenção, mais pesquisa, e merecem mais articulação e mobilização para uma incidência política eficaz, pois revelam um desconhecimento e a falta de prestígio da Filosofia nos sistemas de ensino. As causas são variadas e com força diferente em cada estado. Juntam-se a esses outros problemas sobre os quais desejo discorrer nesta entrevista. Por onde ando, vejo poucas escolas que conseguem fazer um efetivo trabalho interdisciplinar ou transdisciplinar. Um trabalho assim permitirá outra visão da Filosofia e do conjunto das disciplinas. Outro problema é o da falta de formação continuada sistemática. Professores são obrigados a pegar uma carga de trabalho estressante que não permite um investimento pessoal na própria formação. Por outro lado, os sistemas de ensino pouco investem ou investem mal na formação continuada de professores.

Entendendo que a contratação de professores se trata de execução de uma política pública (mesmo em instituição privada), e que não se pode ficar dependendo exclusivamente das competências ou características pessoais de quem se apresenta para ensinar Filosofia, defendo que seja contratado quem tenha uma condição mínima, ou seja, que tenha licenciatura em Filosofia. Ser licenciado pode não ser condição suficiente, mas parece ser necessária.

FILOSOFIA • Sua posição é favorável à inserção da disciplina de Filosofia também no ensino fundamental? Por quê?

GONTIJO • Sou favorável à presença da Filosofia no ensino fundamental. As práticas e pesquisas sobre a Filosofia feitas com crianças ou para crianças tanto no Brasil e América Latina como nos Estados Unidos e Europa são testemunhas qualificadas de como essa relação entre infância e Filosofia pode ser interessante não só para infância, mas também para a Filosofia. Não há idade certa para iniciar, assim como não há para deixar de aprender Filosofia. Penso inclusive que as licenciaturas em Filosofia precisam estar mais atentas a essa realidade presente em muitos municípios, pois os desafios são diferentes daqueles do trabalho no ensino médio.

FILOSOFIA • Pode nos explicar o que vem a ser *sociedade de controle* e qual o desafio para o ensino de Filosofia?

GONTIJO • Uso o conceito de *sociedade de controle* a partir da formulação de Gilles Deleuze no texto *Post-scriptum sobre as sociedades de controle* (1990). Nesse texto ele faz uma análise sobre o que seriam

essas sociedades e as contextualiza a partir da segunda metade do século XX. Elas estariam na continuidade/ruptura com as sociedades de disciplina, que são caracterizadas, sobretudo, pelos processos de ordenamento do tempo e do espaço e de constituição de confinamentos. O indivíduo não cessa de passar de espaços fechados a outros espaços fechados (família, escola, prisão, hospital, fábrica). Ao analisar que os meios de confinamento estariam em crise e sendo superados por outras formas de poder, postularam-se as sociedades de controle. A passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle não se dá por meio de oposição desta com a anterior, mas da intensificação em toda a sociedade dos processos que ocorriam no interior destas instituições de confinamento, pois estenderam a sua lógica a todo o campo social. Enquanto nas sociedades disciplinares a lógica do confinamento era o molde do “indivíduo”, nas sociedades de controle a lógica é a modulação do “indivíduo”. Esta sociedade é a da comunicação instantânea e permanente; seu modelo “maquínico” é o cibernético, composto, sobretudo, pelas máquinas de informática. Os indivíduos possuem cifras e senhas, que tanto podem



As práticas e pesquisas sobre a Filosofia feitas com crianças ou para crianças são testemunhas qualificadas de como essa relação entre infância e Filosofia pode ser interessante

garantir ou negar o acesso a determinada informação ou lugar, que pode ser físico ou na “nuvem”. Como as escolas são instituições que vivem intensamente essas transformações, o ensino de Filosofia que ocorre nelas também sofre e interage com esse contexto. A escola deixa de ser o espaço privilegiado da Educação e sua lógica passa a permear toda a estrutura social. A Educação a distância rompe a separação entre casa, local de trabalho e local de estudo. A empresa também passa a trabalhar massivamente com Educação. Criam-se “universidades” corporativas e introduzem-se em diferentes níveis disciplinas e atividades voltadas para a formação para o mercado de trabalho. Nesse contexto, a Filosofia na escola e na sala de aula reforça o modelo de controle ou possibilita construir resistência? Por mais mecanismos de controle existentes, por mais domesticação que os docentes e demais membros das comunidades educacionais sofram, parece-nos que a aula ainda pode configurar-se como espaço de fuga e de experiência para devires minoritários. É essa experimentação que desejo potencializar. Quem desejar se aprofundar um pouco no tema das sociedades de controle pode ler o texto de Deleuze citado no início. Pode também ler o texto *Sociedade de controle*, do filósofo Rogério da Costa, ou o texto de Michael Hardt *A sociedade mundial de controle*. Todos são facilmente encontrados na internet.

FILOSOFIA • Que contribuições o pensamento filosófico de Deleuze pode nos oferecer para pensarmos o ensino da Filosofia, seja na Educação básica ou no ensino superior?

GONTIJO • Primeiramente, a própria concepção da Filosofia como criação de conceitos que não nascem sozinhos, mas que estão vinculados a problemas, planos de imanência e intercessores. Ao propor uma ruptura com uma perspectiva platônica, ou uma ruptura com a dialética hegeliana, abre-se um campo interessante para o pensar, já que muito de discursos tradicionais sobre Educação estão ba-

seados nessas concepções. Conceitos como rizoma, acontecimento, linha de fuga, nomadismo, ritornelo, desterritorialização, devir minoritário e outros permitem, ao menos na minha experiência, provocar ventos em algumas formas clássicas de pensar a presença da Filosofia na escola. Quando Deleuze, em *Lógica do sentido*, nos propõe três imagens de filósofo, também nos permite fazer um deslocamento conceitual para pensar nossas imagens de professor de Filosofia, o que também pode ser feito com o que ele discorre no *ABCDário* sobre sua experiência como professor.

FILOSOFIA • Para quem deseja se aprofundar sobre a temática do ensino de Filosofia, podes citar alguns livros cuja leitura seria importante?

GONTIJO • A bibliografia tem se ampliado na última década. Temos pesquisas e publicações em ebulição. Destaco nessa produção o trabalho dos professores Walter Kohan, da UERJ, e Silvio Gallo, da Unicamp, seja o que produziram diretamente ou outras publicações que motivaram, mas seria injusto se não afirmasse que há toda uma boa produção sobre ensino de Filosofia a partir de outras perspectivas filosóficas no Brasil. Além de coletâneas avulsas e outras que resultaram de congressos sobre o ensino de Filosofia ou de Filosofia da Educação, relaciono abaixo algumas coleções e revistas que podem ser boas iniciações. Alguns exemplos são: a coleção *Filosofia na escola*, da Editora Vozes; a coleção *Filosofia e ensino*, da Editora UNIJUÍ; a coleção *Ensino de Filosofia*, da Editora Autêntica; e a coleção *Filosofar é preciso*, da Editora Loyola. Há também diversas revistas eletrônicas que tratam do tema: *Revista sul-americana de Filosofia e Educação* (<http://seer.bce.unb.br/index.php/resafe/>); *Revista Educação e Filosofia*, da UFU (<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/issue/view/1008>); *Revista do NESEF Filosofia e Ensino* (<http://www.nesef.ufpr.br/revista/>) e a *Revista Filosofia e Educação*, da Unicamp (<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/rfe/issue/view/220>). lilo